

## MEDIAÇÃO COMO EDUCAÇÃO INFORMAL NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS CARLOS RITTER

MARINA MONTEIRO NASCIMENTO<sup>1</sup>; JOÃO IGANCI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marinamonteironascimento33@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – joaoiganci@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O museu foi criado em 1970, logo após a fundação da Universidade Federal de Pelotas (1969), sendo vinculado ao Instituto de Biologia em 1991. Tem por missão “realizar atividades voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária, com foco temático na área das ciências naturais, em especial a Zoologia e a Paleozoologia, além das áreas do conhecimento biológico correlatas.” Seu acervo conta com coleções científicas e didáticas, divididas entre diferentes tipologias. Conta ainda com um acervo de objetos e documentos em suporte papel de valor histórico. Apesar de sua extensa coleção que ainda está em fase de catalogação, o museu está sempre em busca de promover exposições temporárias, com o objetivo de ampliar e dinamizar sua interação com o público, possibilitando o acesso ao acervo para além do ensino e da pesquisa institucional. Segundo Martha Marandino:

(...) os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. Identificados como espaços de educação não-formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família. (2008, p. 12)

Os museus são entendidos como espaços de educação não-formal por excelência, sendo ambientes de desenvolvimento sociocultural, que unem o campo científico, educacional e patrimonial, já que “são grandes instituições políticas e de propagação de conhecimentos científicos” (MARANDINO, 2009, p. 10). Os museus de ciências têm especificidades que devem ser exploradas para melhor atender a sua função social, estabelecendo um bom diálogo e troca de experiências no momento da mediação. Contribuem, desta forma, para que o fato museal aconteça. Segundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1990, p. 7) isto “é a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu”.

Assim, este trabalho visa apresentar as ações de mediação desenvolvidas com o público e de capacitação dos mediadores no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), principalmente ao longo dos anos de 2019 e 2020, período em que atuei, respectivamente, como estagiária e bolsista na instituição.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho se baseou em pesquisas bibliográficas, tendo como embasamento teórico autores como: Martha Marandino, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, Mário Chagas, Paulo Freire, entre outros. Também foi realizada pesquisa no acervo e análise das informações coletadas durante a experiência de estágio realizada no segundo semestre letivo de 2019, no âmbito da disciplina Estágio Curricular Obrigatório, do curso de Bacharelado em Museologia da UFPel. Dentre as ações educativas realizadas, destacamos o trabalho de mediação. Para tanto, foi formada uma equipe interdisciplinar, o que ajuda na construção de novas

abordagens. Também foram realizadas oficinas de capacitação da equipe de mediadores, com o intuito de melhorar as técnicas de comunicação, de conhecimentos metodológicos de mediação em museus, sobre o acervo e história da instituição e suas exposições.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os museus de ciências auxiliam na construção da pesquisa científica. Possuem coleções universitárias que são amplas, mas que muitas vezes vêem seu potencial comunicacional não explorado adequadamente, tornando-se locais de pesquisas que atendem a um público restrito. Porém, estas instituições estão se reinventando cada vez mais, buscando novas formas de se comunicar com os mais diversos públicos, gerando novas estratégias e formas de abordagem, como os estudos da acessibilidade espacial e interatividade linguística. Se antes a comunicação de uma exposição era feita basicamente através de etiquetas com termos técnicos, com enfoque na contemplação dos objetos expostos e visando ser um mero complemento da educação formal escolar, atualmente, esta comunicação vem passando por uma transformação. Um diálogo mais acessível e dinâmico vem sendo implementado, rompendo com a ideia de contemplação do objeto que condenava a comunicabilidade a ser técnica e excludente e possibilitando uma participação ativa e troca de conhecimentos.

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter não foge a essas transformações. Tem investido na implementação de metodologias baseadas na flexibilização tanto da comunicação interna como na comunicação externa. Em 2019, o museu passou por uma mudança de prédio, cuja viabilização já era estudada pela UFPel há alguns anos. Sua nova sede (Figura 1A) fica situada no centro histórico de Pelotas. As novas instalações permitiram uma reestruturação no circuito expositivo, tornando-o mais atrativo e objetivo.

A divulgação e mediações antes da reformulação já eram essenciais para a dinâmica do museu com o público. Entretanto, o antigo prédio não era adequado para manter as coleções e a existência de poucos voluntários, estagiários e até mesmo funcionários a prejudicava no sentido de uma “ordem mais pedagógica” como Marandino (2009) aborda. A reorganização das exposições contribuiu para ampliar o acesso educativo como vemos na Figura 1B, que representa o painel A Evolução das Aves.



**Figura 1.** Sede do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. A. Fachada da nova sede. B. Painel “A Evolução das Aves”, presente na exposição de longa duração.

Fonte: Iganci.

No MCNCR, a capacitação para mediar se deu por meio de palestras que ajudaram na compreensão não só das exposições, mas sim da instituição como todo. Assim, a primeira medida para o processo foi sobre a história do Museu, conhecimento do acervo e da exposição temporária, além de noções biológicas, para facilitar no desenvolvimento do trabalho e pesquisas. Depois passamos pelo processo de observação da mediação, com os alunos principalmente do curso de Biologia. Lourenço, Marandino; Ricci; Rodrigues (2016) destacam que os setores educativos do museu são constituídos por diversos profissionais e equipes que fazem a mediação, monitoramento e ação educativa. São essas equipes que se destacam no desenvolvimento das atividades para a assistência ao público. Após foram desenvolvidos cursos de capacitação de conhecimento Biológico acerca dos objetos que estavam sendo expostos. Em novembro de 2019, tivemos o curso de Borboletas e mariposas ministrado pelo professor Cristiano Isehard da Biologia, especializado no estudo de Lepidópteros (Borboletas e mariposas). Assim, a mediação se qualifica e cria aberturas para o diálogo crítico perante o público.

Oficinas e eventos fora do prédio também fazem parte do processo de construção e aprendizado para a educação informal, como a 13º Semana dos Museus. Com o tempo de prática, foram necessárias mais pesquisas e aperfeiçoamento da comunicação. Conforme Paulo Freire destaca que “a educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 2019, pg. 69). A capacitação ajuda a entender metodologicamente a função, a técnica, a pesquisa, porém a mediação na prática fornece a troca de informações de maneira didática, ativa e acessível (Figura 2).



**Figura 2.** Realização de mediação junto a grupo escolar. Fonte: Acervo do MCNCR.

É importante ressaltar as devidas experiências que ajudaram a relação do desenvolvimento do trabalho. Com isso, a troca de experiências com outros cursos e cursos de capacitação para a mediação geram uma interatividade que contribui para a qualificação de uma linguagem universal e otimização do alcance da comunicação científica através do museu.

#### 4. CONCLUSÕES

Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter é um espaço cultural que possui

grande movimentação de visitantes de acordo com os registros do livro de assinaturas de visitação. A interação com a equipe multidisciplinar que inclui bolsistas, estagiários e voluntários, contribui no aprendizado e experiências profissionais, que qualificaram a comunicação museológica. Embora o MCNCR ainda esteja fechado por conta do Covid-19, o seu trabalho continua ativo e a experiência das ações e práticas à distância permitiu criar e moldar uma postura profissional e buscar mais aprendizado com relação à educação patrimonial e ao seu espaço como campo social.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS. M. **Museus de Ciências: assim é se lhe parece.** Caderno do Museu da Vida O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro. Organização: Museu de Astronomia e ciências afins/ Museu da Vida COC, Fio Cruz. 2001/ 2002.

FREIRE. P. **Extensão ou comunicação?** ; tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

FONSECA SANTOS, M. S. M. DA; COSTA, S. A. R. F. DA. **Museus e Coleções da UPPA: os espaços existentes no Instituto de Ciências Biológicas (ICB).** Museologia & Interdisciplinaridade, v. 8, n. 15, p. 255-274, 2 jun. 2019.

MARANDINO. M. **Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias.** Museologia e Patrimônio. Vol.2 nº.2 - jul/dez de 2009. Disponível em:[https://www.researchgate.net/profile/Martha\\_Marandino/publication/268241469\\_Museus\\_de\\_Ciencias\\_Colecoes\\_e\\_Educacao\\_relacoes\\_necessarias/links/54bd9a7e0cf218da9391b48d.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Martha_Marandino/publication/268241469_Museus_de_Ciencias_Colecoes_e_Educacao_relacoes_necessarias/links/54bd9a7e0cf218da9391b48d.pdf) acesso em: 02 de setembro de 2020.

MARANDINO. M. **O Mediador na Educação não-formal: algumas reflexões.** Caderno do Museu da Vida O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro. Organização: Museu de Astronomia e ciências afins/ Museu da Vida COC, Fio Cruz. 2001/ 2002.

MARANDINO. M. Educação em museus: a mediação em foco. Organização Martha Marandino — São Paulo, SP: Geenf. FEUSP, ed. 21, 2008.

MARTINS. U. R. **Museus universitários.** Revista Brasileira de Zoologia. Scielo. Vol.5 nº.4 Curitiba. USP, São Paulo-SP. 1988.

KÖPTCKE. L. S. **Analizando a Dinâmica da Relação Museu - Educação Formal.** Caderno do Museu da Vida O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro. Organização: Museu de Astronomia e ciências afins/ Museu da Vida COC, Fio Cruz. 2001/ 2002.

SILVA. M. C. **A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus.** Revista CPC. v. 14, n. 27, p. 297-309, 29 jul. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/152250>> acesso em: 29 de agosto de 2020.